

Frêmito do meu corpo a procurar-te,
febre das minhas mãos na tua pele
que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,
doido anseio dos meus braços a abraçar-te,
Olhos buscando os teus por toda a parte,
sede de beijos, amargor de fel,
estonteante fome, áspere e cruel,
que nada existe que a mitigue e a farte!
E vejo-te tão longe! Sinto a tua alma
junto da minha, uma lagoa calma,
a dizer-me, a cantar que me não amas...
E o meu coração que tu não sentes,
vai boiando ao acaso das correntes,
esquife negro sobre um mar de chamas...
Frêmito do meu corpo a procurar-te

Florbel Espanca, *A mensageira das violetas, Antologia: Seleção e Edição de Sérgio Faraco, L&PM Editores, 1997 - http://www.estantevirtual.com.br - Gentileza de Cincinato (Nato) Palmas Azevedo*

Fim do filme... Na saída
pergunta à pulga o pulgão:
- Voltamos a pé, querida
ou vamos tomar um cão?
A. A. Assis
União Brasileira dos Trovadores
Delegacia de Trovadores de Irati

Quando amamentas teu filho
sob a penumbra de um véu,
teus olhos têm todo o brilho
de cada estrela do céu.
Josué Anacleto Vieira, 0805 Fanal
Rua Álvares Machado 22, 2º
01501-030 - São Paulo/SP

A velha, ao ver o tarado,
corria igual Satanás;
foi um sufoco danado:
ele na frente... ela atrás!
José Ouverney, 0705 Trovaregre
Praça Sen José Bento 162, Ap 301
37550-000 - Pouso Alegre, MG

A boca da noite abrindo
cortinas do anoitecer,
exige o palco mais lindo
pra lua resplandecer.
Marcos Medeiros, 1105 Trinos
do Pitiquari: Rua Guanabara 542
59014-180 - Natal/RN

Céu com três letras se escreve
mãe também se escreve assim,
e neste nome tão breve
existe um céu dentro de mim.
Wilson Dantas, 1105 Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br
ibatista@unifor.br

1. Preencher os haikus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo (quando mais de um)**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço e CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. À medida que cheguem seus haikus assim enviados e de **conteúdo abaixo**, serão publicados em nossas Seleções em Folha.
✧ **Paulo Franchetti**: O haiku é menos uma questão de forma do que de atitude. No Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES!

FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!

Até o dia **30.08.15**, quigos Beija-flor, Bem-te-vi, Catavento, Girino, Granizo, Ipê, Névoa, Pipa, Rã.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 - São Paulo/SP
ou mfmendez@superig.com.br

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haiku tem de diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

algo novo para a nossa tradição.
Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haiku do que um erudito, Bashô queria é **recuperar** seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico - a um conjunto de atitudes. Seu hocu inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em **SF9810, Seleções em Folha 1998 OUT (SF9810)**.

HAICUS BRASILEIROS



TEMAS (QUIDAI)S



DE OUTONO



Na árvore o tucano,
encantando a natureza,
trás mais vida à cor.
Ailson Cardoso de Oliveira

Vitamina C.
Casca cheirosa e dourada.
Laranja na mesa
Angelica Villela Santos

Nuvem de outono
no pomar tão carregado
atrapalha os frrutos.
Denise Cataldi

Inerte no poste.
Serelepes crianças
malhação de Judas.
Flávio Henrique Velasco

As flores banhadas,
rocio da madrugada.
O sol vem chegando.
Manoel Fernandez

Perde-se a lavoura
revoam gafanhotos,
mã sorte no campo.
Olga Amorim

Bem desapontado,
o menino olha a cidra.
Quería laranja.
Alda Corrêa Mendes Moreira

Da boca escorrendo
menino finge careta...
a laranja doce!
Anita Thomaz Folmann

Na Semana Santa
simbólico lava-pés:
bela cerimônia.
Djalda Winter Santos

Na beira do córrego,
um louva-a-deus matutando...
- Pequeno monjolo!
Humberto Del Maestro

Flor branco-amarela
surge rara e alteiana:
bela flor-de-maio.
Maria App. Picanço Goulart

Barraca de frutas.
Pinhas selecionadas
expressam sabor.
Olga dos Santos Bussade

No pomar, laranjas.
Pela brisa, embriagado,
o lago adormece.
Amália Marie Gerda

Janela aberta
voa, em volta da lâmpada
mosca outonice.
Carlos Roque Barbosa de Jesus

Aos pés de Maria,
mãe santa, uma outra escutando...
- Festejam seu dia.
Fernando Soares

Bonina mimosa
é beijada com fervor
pela jardineira.
João Batista Serra

Tantas frutas nobres!
E a preferência do conde...
recai sobre a pinha.
Maria Madalena Ferreira

Laranja madura,
picada por passarinhos,
quer cair do galho.
Renata Paccola

Baques secos, gritos,
porretes zunem no ar.
Malhação de Judas.
Amauri do Amaral Campos

Pega o ladrão!
na feira peras nas bancas.
A fome era tanta...
Cecy Tupinambá Ulhôa

Nuvem de outono,
tom cinzento no céu.
Bulha sem chuva.
Fernando Vasconcelos

Céu azul profundo
pássaros vêm pra nossa terra
ausência de chuvas.
Jorge Picanço Siqueira

Laranja no chão.
Galhos agitados na árvore.
Muita ventania.
Maria Marlene T. Pinto

Queda nos termômetros.
A nuvem de outono impede
os raios de sol.
Roberto Resende Vilela

De doce de cidra
criança lambuza a pia.
Formigas chegando.
Analice Feitosa de Lima

Do ventre maduro
para o primeiro vagido
e é Dia das Mães!
Darly O. Barros

Sós... ao luar,
um casal apaixonado.
Deu sombra.
Flávio Ferreira

Robalo na rua.
Guri passa... pega e corre!
Polícias e a fome...
Leonilda Hilgenberg Justus

Bico encurvado,
registro de família.
Tucano lindo.
Nadyr Leme Zentz

Uma mordida
nesta pera suculenta.
Convite ao passado.
Sérgio Francisco Pichorim

N A R C I S O

Salvador Nogueira, Mitologia Superinteressante: Coleção Mitologia, Livro 3 - Lendas, Editora Abril S.A., 2011.

A ninfa Eco caminhava pelas campinas quando avistou, ao longe, o jovem Narciso.
- Pelos deuses, não há rapaz mais belo que ele! - exclamou aquela que também era a mais bonita entre as ninfas.
Quando Narciso se aproximou, ela fez o máximo para parecer sexy, mas foi retribuída com o mais solene desprezo.
Não era a primeira vez que o jovem ignorava as tentativas femininas de seduzi-lo. Aliás, até onde a história registra, ele jamais foi simpático a elas. Naquele dia, Eco nada disse, desapontada, e foi ter com suas colegas ninfas.
Na animada conversa, o assunto principal, naturalmente, era Narciso. Conversando en-

tre si, elas se perguntavam sobre o que haveria de errado com aquele homem. Eis que as interpelou Hera, esposa de Zeus.
- Por acaso vocês viram meu marido por aí?
- Não vimos - respondeu Eco, com ar matreiro. - E olhe que Zeus não é figura difícil de notar...
- Aquele sem-vergonha... Aposto que já está correndo atrás de algum rabo de saia - disse Hera.
- Bem diferente do nosso Narciso - completou uma das ninfas.
E acabou que Hera se entretive com o assunto das ninfas, na conversa liderada por Eco, e, quando deu por conta, já havia perdi-

do a oportunidade de flagrar mais uma traição do marido. Ficou irritadíssima e culpou Eco pelo fracasso. Como justiça nunca foi o seu forte, condenou a pobre ninfa a jamais entreter alguém com sua conversa novamente.
- A partir de agora, a sua palavra será sempre a última, jamais a primeira! - evocou, condenando Eco a eternamente repetir o que outros dizem, sem jamais ter iniciativa no diálogo.
A ninfa ficou arrasada. Perdera definitivamente a chance de conquistar Narciso. Ela bem que tentou uma última vez, quando voltou a caminhar pelo bosque e encontrou o jovem à procura de seus amigos.

- Tem alagum aqui? - gritou Narciso.
- Aqui... aqui... - respondeu Eco.
- Vem!
- Vem! - replicou, já se permitindo ver por entre as árvores, de braços abertos. Mas Narciso virou as costas assim que percebeu que se tratava de Eco.
- Não! Prefiro a morte a cair em teus braços!
- Cair em teu braços - suspirou Eco, completamente arrasada.
Narciso se afastou a passos acelerados e Eco caiu em tamanha depressão que decidiu viver isolada de todos, no fundo de uma caverna. Diz a lenda que até hoje ela anda por aí e vez por outra pode ser ouvi-

da. Quanto ao rapaz, continuou sua vida, sempre desprezando as moças que caíam de amor por ele. Até que uma delas, revoltada com a postura indiferente daquele jovem, rogou-lhe uma praça. "Que aquele que não ama ninguém venha a apaixonar-se por si próprio!"

A deusa Nêmesis, cujo nome significa "ira justa", ouviu o apelo e tratou de fazer com que se concretizasse. Ao debruçar-se sobre um lago para beber as águas límpidas e claras, Narciso encontrou a pró-

pria imagem. No mesmo instante, apaixonou-se por si próprio.

- Agora sei quanto os outros têm sofrido por mim, porque sou lindo demais. Mas como posso ter e tocar essa beleza que vejo refletida na água? Dela não posso mais me separar. Só a morte me poderá libertar.

E ali ficou, estático, apenas admirando a si próprio, sem comer, nem beber, nem viver. Foi definhando e, mesmo assim, a paixão por si mesmo não diminuía. Por fim, conforme ele mesmo profetizara, morreu de autoamor.

O que ele não imaginara é que nem mesmo a morte o curaria, pois, ao ser transportado pelo barqueiro Caronte através do rio dos mortos, Narciso se inclinou para fora, na tentativa de rever sua imagem refletida nas águas do Estige.

Já as ninfas, mesmo após a morte de Narciso e todo o desprezo que experimentaram, continuavam a amá-lo. Foram atrás de seu corpo sem vida e o enterraram. Onde ele jazeu, nasceu uma flor de incrível beleza, de tons cintilantes de prata e púrpura, que os an-

tigos gregos decidiram apropriadamente chamar de narciso.

O poder dessa flor, em especial para cativar as mulheres, não passou despercebido por Hades, o deus do mundo dos mortos. Foi com ela que ele criou uma armadilha para capturar Perséfone, filha de Zeus com Deméter. Ela colhia narcisos na companhia de amigas quando o chão se abriu e dele emergiu uma carruagem conduzida por Hades. Ele a sequestrou e fez com que se tornasse sua esposa.

La sempre lá e ficava sentado junto ao tronco da árvore, deserta no descampado, cercada de capim rasteiro. Árvores de sitiantes cercavam-na. Longe, muito longe. Admirava-se de ninguém aparecer no belo descampado. Vez ou outra alguém ou algum animal surgia e desaparecia.

Naquela manhã, girando em torno da árvore, num exercício banal, ela apareceu. Nova como ele, bonita, sorridente. Não lhe perguntou o nome. Conversaram, sorriram, correram em torno da árvore. Sentaram-se

cansados. Fizeram amizade e voltaram a se encontrar continuamente. Giravam em torno da árvore, abraçavam-se, rolavam nas folhas secas e iam além dos beijos.

Abraçavam-se e giravam tanto no chão que, um dia, um espinho feriu o olho dela. Fisgada rápida. Ela gritou, levantou-se estonteada, ar de choro, e se foi correndo, mão tapando o olho. Chamou-a, chamou-a, e ela continuou correndo e desapareceu nas árvores distantes.

Procurou-a por onde pôde. Voltou a árvore

Caio Porfírio Carneiro, A árvore deserta, O Conto brasileiro hoje: volume XXVIII São Paulo: RG Editores, 2015, gentileza de Cynthia Theodoro Porto.

Hoje, dia 3 de maio de 2015, meus olhos marejam lágrimas ao assistir à uma reportagem do Globo Rural, programa levado ao ar pela Rede Globo aos domingos. A reportagem acontece no sertão paraibano. Cinco anos de seca. Prenúncio de nova seca do 15, em 2015 cem anos depois. Homens trabalhadores, plantadores, criadores. Homens que alimentam o país. A seca devastou tudo. Menos a vontade de viver, de continuar alimentando o país.

Meus olhos marejam lágrimas de tristeza. Tristeza de ver a fortaleza do sertanejo quase a sucumbir. Tristeza de vê-los vender o gado, a criação de ovinos, para ter o sustento da família, para não ver o rebanho morrer de fome e sede.

Meus olhos marejam lágrimas ao ver a terra estorricada; ao ver riachos em cujo leito correm pedrinhas, impulsionadas pelo vento quente que sopra veloz.

Professor Holanda, Os olhos marejam:

Binóculo 161, JUN 2015 - Correspondência: a/c ivonildodias@secrel.com.br e/ou jbatista@unifor.br

re diariamente. Nada. Não se conformava. - Onde ela se meteu?

Saudade enorme. Lágrimas vinham aos olhos. Ia então perdendo o interesse de retornar à árvore solitária.

O tempo passou e trouxe a expansão da cidade, levando consigo a árvore deserta e as distantes, que a cercavam.

Não lhe fugia da memória o ponto exato da árvore deserta: um poste de iluminação

pública e gente e carros circulando nos dois sentidos.

E na manhã enevoada retornou, mais uma vez, para junto ao poste.

Uma mulher, bem agasalhada, tampo escuro cobrindo o olho esquerdo, parou junto dele, segredou baixinho:

- Volte!!
A surpresa foi tanta que ele se viu entre folhas caídas, sob a árvore deserta, e a rolar no chão, aos beijos continuados.

Meus olhos marejam lágrimas ao ver a inércia dos políticos nordestinos. O sertanejo não suporta mais tanta hipocrisia; o sertanejo está desiludido de ouvir promessas. O sertanejo quer ação. O sertanejo quer solução.

Vereadores, prefeitos, deputados, senadores deixem a política de lado. Briguem por recursos que socorram o sofrido povo nordestino, principalmente o sertanejo.

Deixem de lado as querelas partidárias. Deixem de lado a vaidade. Deixem a ganância. Não se prevaleçam de que o sertanejo é "um forte". Chega-se a um ponto em que a fortaleza desmorona-se. Os senhores estão sob o clima de ar condicionado. O sertanejo está sob o clima de um sol abrasador. Senhores políticos nordestinos, não deixem morrer, no sertanejo nordestino, a esperança.

Hoje os meus olhos marejam, lágrimas.

Aconteceu em Minas Gerais - onde viveu criança.

Inocentemente ia pela estrada de terra. Inocentemente caçar canarinhos... Piando, cantando - um imitador. Sua gaiola: o pássaro... E dependurado o alcapão. Nada mais que de repente.

Apareceu no topo do morro da estrada um monstro nunca visto.

Dando solavancos. Bufando - puff... puff... puff.

Uai! soltando fumaça por trás. Socorro minha gente.

Ai... ai... ai - as pernas bambearam.

Numa coragem interior se pôs a correr. Deixando gaiola.

Pássaro e alcapão a rolar pelo chão.

Na rapidez criança chega ao centro da pequena cidade.

Era domingo missa das 12 horas. Em frente à igreja põe-se a berrar.

- Um monstro, um monstro - um bicho grande. Vai nos matar.

- Vem para destruir a cidade. - Socorro... Socorro.

Homens armados: de pedras, paus e cassetetes.

Mulheres de vassouras, facas de cozinha, e estiletes.

Crianças com: estilingues, pedras, canivetes, e cassetes.

Em tempo de ocas armas e caríssimas.

Caminhando em formação de exército. Homens na frente.

Seguidos das mulheres e crianças.

Atrás de me vô criança. Eis Frente a frente.

A surpresa que num instante ouvindo o barulho puff... puff... puff.

Surge no topo da subida o monstro fulminante.

Hélio José Déstro, O monstro invasor - caso contado pelo meu vô; estória mineira com seu sotaque e palavrão.

A Voz da Poesia 93, ABR/JUN 2011 - Correspondência: Rua dos Bogaris 183, 04047-020 - São Paulo/SP

Manto de mistério

1 Quais são as dimensões exatas do pequeno Plutão? Deve ter um diâmetro de 2 300 quilômetros, mas sua atmosfera e a enorme distância da Terra impedem a obtenção de valores precisos. Esse é um ponto a ser esclarecido pela New Horizons.

Ritmo de rotação

2 Em Plutão, o sol nasce no oeste e se põe no leste - uma vez a cada semana terrestre. Plutão gira sobre o próprio eixo na direção oposta a da rotação da Terra, e bem mais lento.

Ponto no espaço

3 Plutão tem o tamanho equivalente a dois terços da nossa Lua. As suas cinco luas giram em órbitas próximas e aninhadas. Na

distância entre a Terra e a nossa Lua, caberiam quase três sistemas plutônicos.

Não é planeta?

4 De acordo com a União Astronômica Internacional, os planetas do sistema solar orbitam em torno do Sol e têm força gravitacional suficiente para recolher o entulho em suas órbitas. A menos que esta condição mude, Plutão continuará a ser um planeta anão.

Censo celestial

5 Durante os 14 anos em que estudou imagens do céu, o descobridor de Plutão, Clyde Tombaugh, identificou 29 500 galáxias, quase 4 000 asteroides (775 deles novos) e, pelo menos, mais um cometa.

Carga preciosa

Amor plutônico, 9 leituras sobre o ex-planeta; National Geographic Brasil, JUL 2015 - ngrasil.com.br

6 Há oito "clandestinos" a bordo da New Horizons além da cápsula com as cinzas de Tombaugh. Entre eles estão duas bandeiras americanas, um selo dos Correios com a inscrição (cuja ironia não é proposital) "Plutão: a ser explorado", e uma moeda de 25 centavos de dólar, oferecida a Alen Stern, cientista principal da missão, pelo ex-governador da Flórida Jeb Bush.

O sentido do nome

7 A menina inglesa Venetia Burney, de 11 anos, sem querer sugeriu o nome do novo planeta. Mas ela não foi a primeira pessoa da sua família a batizar um objeto do céu. Henry Madan, seu tio-avô, escolheu os nomes das luas de Marte, Fobos e Deimos. Venetia nunca conseguiu convencer as pessoas de que não havia tirado o nome do adorável cão criado por Walt Disney. Na ver-

dade, embora a história em quadrinhos com o personagem tenha sido publicada pela primeira vez em 1930, o cão só recebeu esse nome em maio de 1931 - um ano depois de Venetia ter batizado o planeta.

Entupimento

8 O nome "Plutão" (Pluto, em inglês) quase foi descartado por lembrar o de um laxante nos EUA. Chamado Pluto Water, o remédio prometia: "Quando a natureza falha, Pluto resolve".

Nem bala alcança

9 Em 2007 a New Horizons usou a força gravitacional de Júpiter para acelerar o seu deslocamento, alcançando 83 mil quilômetros por hora. Ela ainda tem combustível para avançar muito além de Plutão.

seus sentimentos e julgamentos possam divergir; podem até falar contra as autoridades, desde que o façam por convicção racional, não por fraude, raiva ou ódio, e desde que não tentem introduzir nenhuma

mudança em sua autoridade privada. Por exemplo, supondo que uma pessoa mostre que uma lei repugna à razão e deve ser rejeitada: se ela submeter sua opinião ao julgamento daqueles únicos que têm o di-

reito de fazer e rejeitar leis, e enquanto isso agir de maneira que não contrarie aquela lei, merece respeito do Estado e se conduz como cabe a um bom cidadão; mas, se acusa as autoridades de injusta e instiga o

povo contra elas, ou procura anular sediciosamente a lei sem seu consentimento esse indivíduo é um mero agitador e rebelde.

A. C. Grayling, O legislador, Cap. 2: 01 a 10, de O Bom Livro - Uma bíblia laica; Objetiva, 2011.